

Feuerstein e a construção mediada do conhecimento

de: Cristiano Mauro Assis Gomes

Porto Alegre: Artmed, 2002. 298 p. ISBN 85-7307-924-x

Apresenta-se a Teoria de Feuerstein, enfatizando a prática educativa, permitindo um embasamento teórico-prático para os profissionais da educação ligados ao Ensino Especial.

Apesar de alguns avanços no enfoque da prática educativa do professor dessa área, hoje a ênfase do aluno com necessidades educacionais especiais está voltada para suas “deficiências”, e não para suas eficiências. Conceituar e definir quem é o deficiente requer, além de uma equipe profissional especializada, uma concepção de indivíduo em sua totalidade.

O livro é dividido em sete capítulos, organizados em três partes. A primeira oferece uma abordagem geral da Psicologia da cognição; a segunda aprofunda a teoria e método de Reuven Feuerstein; e a terceira apresenta a intervenção educativa como novos paradigmas em ação.

A teoria de Feuerstein oferece uma possibilidade interessante de olhar para a educação do aluno com necessidades educacionais especiais:

...todo indivíduo que apresenta retardo mental pode ter sua inteligência modificada – o retardo mental não é próprio da estrutura cognitiva do indivíduo nem uma qualidade irreversível. Deve-se eliminar a condição de retardo, ou pelo menos diminuí-la, bem como diminuir as limitações que o retardo cria, através de uma aprendizagem mediada. Essa postura modifica a educação: da educação do ‘retardo mental’ para uma educação à normalidade (p. 268).

A teoria da modificabilidade cognitiva, fundamento teórico de toda sua proposta, define a inteligência como a propensão ou tendência do organismo a ser modificado em sua própria estrutura, como resposta à necessidade de adaptar-se a novos estímulos, sejam de origem interna ou externa. A modificabilidade cognitiva existe potencialmente em todos os seres humanos, e seu desenvolvimento é proporcionado pelo fator sociocultural. A cultura modela a estrutura cognitiva humana. A cultura é capaz de alterar e modificar a estrutura cognitiva como um todo, e não apenas pontos focais e limitados.

Com isso, devemos acreditar no potencial não-manifesto, na aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo pela interação sociocultural. Elaborando metodologias avaliativas mais eficientes, voltadas para as potencialidades e habilidades do aluno.

Parece difícil a tarefa de considerar um deficiente mental, por exemplo, como um ser humano que é dotado de uma mente flexível, aberta a mudanças e com uma propensão natural para a aprendizagem.

A falta de mediadores intencionais que selecionem e organizem os significados culturais provoca uma síndrome denominada por Feuerstein de “*síndrome de privação cultural*” (p.73). Esta impede o desenvolvimento cognitivo e afetivo adequado e reduz o nível de modificabilidade e flexibilidade mental. A palavra ‘impede’ parece muito forte e determinante no que se refere ao desenvolvimento humano, mas o autor não nega que os “*fatores distais*” (genéticos, orgânicos, emocionais, etários e socioculturais) sejam significativos nos transtornos. O que ele nega é que esses fatores

sejam irreversíveis e a “*causa proximal*” da falta de aprendizagem, que considera seja a falta de Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM).

A EAM é outro aporte conceitual central da teoria de Feuerstein e consiste num tipo de interação humana que impulsiona o desenvolvimento da estrutura cognitiva e fomenta a capacidade à modificabilidade. Ela não provém de qualquer interação humana e transmissão cultural (provocada pela interação entre um emissor e um receptor, que mobiliza a forma de entender, interpretar e conceber o mundo). Segundo Feuerstein, essa transmissão caracteriza-se pela produção intencional de significados por meio de uma relação dialógica entre duas ou mais pessoas.

A função do mediador no impulsionamento da maturação da estrutura cognitiva do sujeito é considerada decisiva. Ele define critérios do processo medicional, a fim de garantir a qualidade da interação.

Nessa abordagem teórica, o educador constitui a peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem. É ele quem pode mudar e redirecionar o desenvolvimento do aluno. Questões que emergem ao ler esta proposta são: está apenas nas mãos do professor proporcionar um ensino de qualidade e conduzir a política de inclusão social? o educador é o único que promoverá uma prática educativa sem exclusão e rótulos? se ele falhar não haverá aprendizagem?

Esse é um ponto que deve ser discutido na teoria de Feuerstein. Uma leitura crítica de suas idéias permite ver não uma desconsideração da figura do aluno e sua importância no processo de aprendizagem, mas sim uma ênfase esmerada na função do professor e nas técnicas que podem auxiliá-lo em tal missão.

Embora na fundamentação teórica os conceitos de “*Modificabilidade Cognitiva Estrutural*” e “*Potencial de Aprendizagem*” justifiquem as possibilidades atribuídas a quem aprende, na apresentação dos aspectos práticos que derivam da teoria, abordam-se especialmente as estratégias e recursos para que o mediador conheça formas de avaliar e mediar o processo de aprendizagem. Isto dá uma visão unidirecional, na qual pode-se inferir que o sucesso do educando resulta quase linearmente da qualidade de mediação do professor.

A contribuição dessa leitura enfrenta uma sociedade que ainda está marcada por preconceitos e estigmas, e que também não está preparada para atender a essa clientela. Sua proposta teórico-prática testemunha como é necessário um investimento significativo na área, com profissionais qualificados, materiais especializados e espaços de livre acesso.

O livro, de modo geral, revaloriza o papel do professor de ensino especial e renova o seu compromisso em atuar nessa área. Dentre suas competências, o educador deve aprimorar seu conhecimento teórico, que é fundamental para que exista uma “*educação inclusiva*”. O que não faz sentido falar, já que a educação é para todos. Mas, enquanto isso não acontece, devemos continuar resgatando os rumos da educação especial.

Apresentação de Luciana da Silva Oliveira, Pedagoga habilitada em Educação do Deficiente Mental na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

E-mail: pedag.lu@bol.com.br